



MARCO-FADAS: TERRITÓRIO FRONTEIRIÇO MOVENTE COMO PROPOSTA ARTÍSTICA

MARCO-FADAS, TERRITORIO FRONTERIZO MOVENTE COMO PROPUESTA ARTISTICA

Barbara Larruscahim da Costa¹
Universidade Federal de Pelotas - UFPel
Associada a ANPAP: não

Eduarda Azevedo Gonçalves²
Universidade Federal de Pelotas - UFPel
Associada da ANPAP: sim

RESUMO

O presente texto parte de questões e resultados desenvolvidos na dissertação *Poéticas Platinas: passos de(s)marcatórios sobre território fronteiriço compartilhado*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas sob orientação da Pr^a Dr^a Eduarda (Duda) Gonçalves e vinculado ao *Territórios, deslocamentos, cartogravistas e cartografias na arte contemporânea a partir do sul do Brasil*. Explora a ressignificação dos marcos de fronteira entre Brasil e Uruguai por meio da produção poética. Inspirada na prática do *deslocar* (verbo cunhado a partir dos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa *Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas*, o trabalho propõe a criação das *Marco-fadas* (2023), esculturas móveis que evidenciam a fronteira como construção provisória e poética. Tem como referencial artístico Manuela Ribadeneira.

Palavras-Chave: Marco de fronteira. Deslocamento. Território. Poéticas visuais.

RESUMEN

*Este texto forma parte de las preguntas y resultados desarrollados en la disertación Poéticas Platinas: pasajes de(s)marcadores en territorio fronterizo compartido, realizada en el Programa de Posgrado en Artes de la Universidad Federal de Pelotas bajo la orientación de la profesora Dra. Eduarda (Duda) Gonçalves y vinculada a Territorios, desplazamientos cartogravistas y cartografías en el arte contemporáneo en el sur de Brasil. Explora el significado de dos marcos fronterizos entre Brasil y Uruguay a través de la producción poética. Inspirada en la práctica del *deslocar* (un verbo creado a partir de dos estudios desarrollados por el grupo de investigación Desplazamientos, Observancias y Cartografías Contemporâneas), la obra propone la creación de Marcos (2023), esculturas moventes que demuestran la frontera como una construcción provisional y poética. Manuela Ribadeneira sirve como referencia artística.*



Palabras clave: *Marcos de frontera. Desplazamiento. Territorio. Poética visual.*

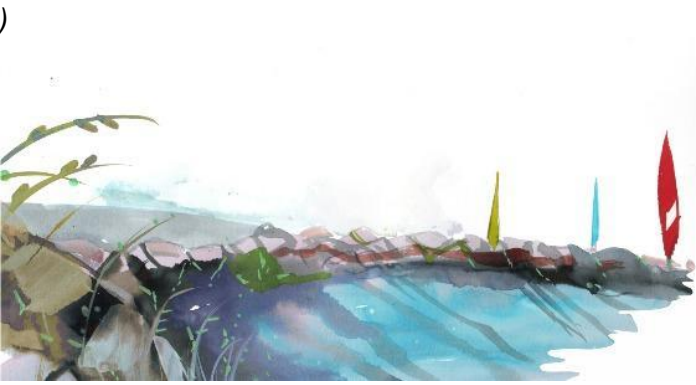
Cidade marcada

De todas as possíveis arquiteturas de territórios que há no mundo, nasci na beira do cruzamento da linha divisória entre Brasil e Uruguai, onde a configuração do mapa é dada pelos marcos de fronteiras. Estes marcos são monumentos concretados em formato de pirâmide truncada, postos ao longo da linha demarcatória, que definem e marcam o fim (e/ou início) das cidades de Sant’Ana do Livramento – RS e Rivera – UY. São códigos que carregam consigo a informação específica: apontam, sinalizam, mostram, frisam, grifam e fazem notar um endereço sublinhado, o limite demarcatório.

Um traço estabelecido ao longo de tratados e acordos (Tordesilhas, Madri, de Idelfonso, dentre outros) que definiram e redefiniram as linhas que demarcam e estabelecem hoje os países Brasil e Uruguai. Ao longo da história, tais linhas, foram se redesenhando na movência destes tratados, tornando-se uma questão para mim, enquanto habitante da linha-borda. Encarreguei-me, enquanto artista, de me apropriar poeticamente da sinalização e deles próprios, os marcos, a fim de criar, por meio da ludicidade artística, novas possibilidades de marcar e de(s)marcar a fronteira.

Fronteira Livramento – Rivera

Em definição, fronteiras podem ser secas ou fluviais, articuladas ou não por alguma obra de infraestrutura, ponte ou muro, por exemplo. Dispositivos estes que não demarcam a fronteira Livramento – Rivera, uma vez que aqui os dois países vizinhos são cidades conurbadas, sem algo que estabeleça a divisão territorial de fato, por isso denominadas como cidades-gêmeas. Segundo o Ministério da Integração Nacional, na Portaria nº.125 publicada em 21 de março de 2014, o conceito de cidades-gêmeas é estabelecido a municípios que se caracterizam pela aproximação urbana com países vizinhos e apresentam grande potencial de integração



econômica e cultural, podendo apresentar até a unificação da malha urbana com a cidade do país vizinho.

Historicamente, a região constituiu-se entre diferentes povoados, indígenas pampeanos, guaranis, charruas, minuanos, bohaneses, chanás, yarós, que tinham em comum a língua quíchua principalmente. Posteriormente, portugueses, espanhóis e outros imigrantes chegariam no decorrer do tempo, pós invasão. A região contínua da Bacia Oriental, também chamada, antigamente, de Continente do Rio Grande de São Pedro, não tinha limites naturais além do Rio Uruguai, e foi vista pelos conquistadores ibéricos como uma unidade geográfica.

As Coxilhas de Sant'Ana, Negra e de Haedo, pequenas elevações entre 200 e 400 metros, separam o sul do Rio Grande do norte do Uruguai. Constituem-se também em divisores de água aos rios da bacia do Ibicuí, do Arapeí e do Negro. A linha divisória atual usa essas coxilhas para marcar os rios Quaraí e Jaguarão (a leste). A cidade de Sant'Ana do Livramento - ou do Pardo Feliz - está assentada exatamente sobre a Coxilha de Sant'Ana, antecipando seu caráter fronteiriço e de grande porto seco da região. (Albornoz, 2000, p. 4)

Ou seja, apesar de cercada por águas, o lugar desta fronteira em específico, é uma unidade territorial desenhada "no seco", sendo as linhas divisórias definidas por meio das ocupações coloniais, formuladas e reformuladas por meio dos tratados estabelecidos. Cultural e socialmente, o território ultrapassa os limites do desenho do mapa e a lógica político administrativa imposta pela demarcação, que se apresenta cumulativamente, ao que Milton Santos aponta como "espaço de circulação e de fluxos materiais, até ser concebido com uma divisão básica da superfície terrestre qualificada pelo domínio estatal" (2008, p. 14). O geógrafo brasileiro diferencia a configuração territorial estabelecendo um composto de condições naturais e de objetos criados pela sociedade, portanto cumulativo, uma soma, um acumulado de vivências que diz respeito ao modo da objetificação, mas também dos próprios usos humanos. Na formatação fronteiriça, os marcos acabam



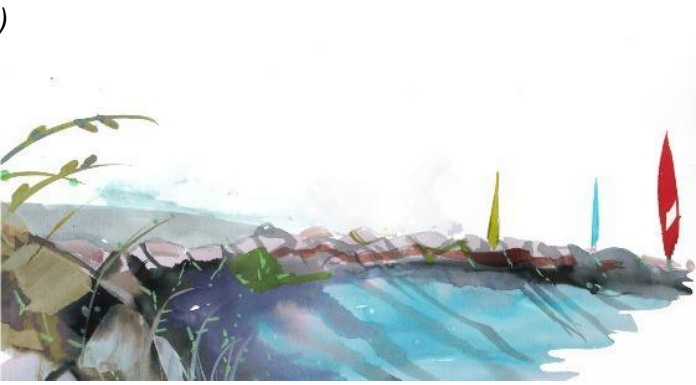
por ser este objeto de configuração material, e a vivência entre brasileiros e uruguaios o marcador sociocultural fluído que dá vida a este espaço como aponta Morais. (Morais, 2013, p.14).

Fronteira móvel: *Marco-fadas*.

O processo de produção das *Marco-fadas* (2023), anuncia uma espécie de revanche aos marcos oficiais (Imagem 1). Elas são esculturas móveis, grandes almofadas, feitas em tecido e fibra de silicone como preenchimento, medindo aproximadamente um metro e meio de altura. Estes objetos têm a forma e a representação dos marcos de fronteira e, por serem leves, são passíveis de movimento.



Imagem 1. Fotografia da linha de fronteira, com uma *Marco-fadas* (2023) em primeiro plano e um marco de fronteira em segundo plano. De um lado, Brasil, do outro, Uruguai, 2023. Fotografia: Barbara Larruscahim. Fonte: Barbara Larruscahim.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

A poética movente se dá na feição de marcos ficcionais, a fim de instaurar uma dialética ao mundo concreto, uma transnacionalização movente de novos e transitórios marcamentos. Em consulta às informações do portal uruguaio da Comissão de Limites, foi possível constatar que, na fronteira entre Brasil e Uruguai, existem cadastrados 1.174 (um mil cento e setenta e quatro) marcos fronteiriços oficiais, entre principais e secundários, ao longo de 1.068 km de fronteira (Resende, 2019, p. 295 – 298). Contando com minha produção, seriam agora 1.184 marcos? Talvez a arte não seja reconhecida como algo oficial, no entanto, criei marcos móveis (imagem 2), esculturas móveis produzidas em tecido, como grandes almofadas, no intuito de materializar marcos que contivessem em si a própria lógica da história (Santos, 2008). As *Marco-fadas* seriam um acumulado do que se operacionalizou no território, territorializado e desterritorializado ao longo do tempo e, portanto, este trabalho artístico se propõe a uma invenção atuando no território poético.



extremos

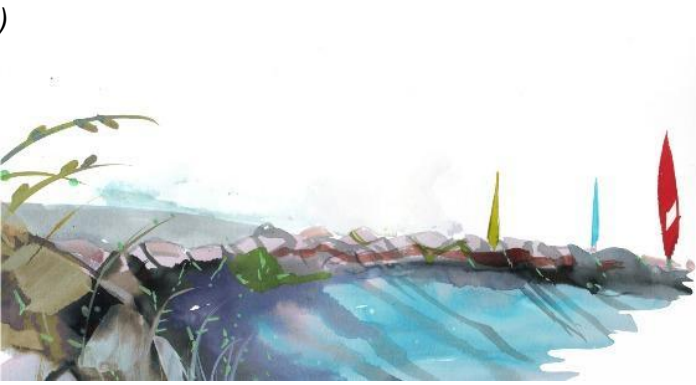
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 2. Barbara Larruscahim, fotoperformance com as *Marco-fadas*, 2023. Fotografia: Barbara Larruscahim. Fonte: Barbara Larruscahim.

Em *O retorno do território*, apresentado no *Observatório Social de América Latina*, em junho de 2005, lê-se o seguinte:

Antes, era o Estado, afinal, que definia os lugares –de Colbert a Golbery– dois nomes paradigmáticos da subordinação eficaz do Território ao Estado. O Território era a base, o fundamento do Estado-Nação que, ao mesmo tempo, o moldava. Hoje, quando vivemos uma dialética do mundo concreto, evoluímos da noção, tornada antiga, de Estado Territorial para a noção pós-moderna de transnacionalização do território. Mas, assim como antes tudo não era, digamos assim, território “estatizado”, hoje tudo não é estritamente “transnacionalizado”. Mesmo nos lugares onde os

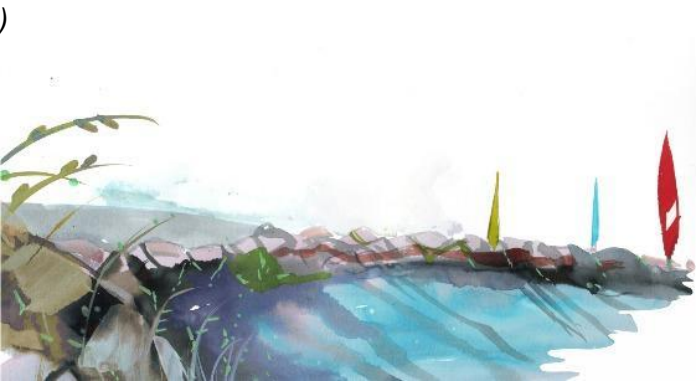


vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor, ao mundo, uma revanche. Seu papel ativo faz-nos pensar no início da História, ainda que nada seja como antes. Daí essa metáfora do retorno. (Santos *et al*, 2005, p. 255)

Seguindo a lógica pós moderna da transnacionalização, a poética que propus com as *Marco-fadas*, sendo os marcos os vetores ativos, conforme referenciam os autores, aplica-se a metáfora do retorno segundo o trecho de Santos (2005). Uma vez que o papel ativo destes objetos moventes resgata o início da História, antes da proposição dos marcos oficiais (ainda que nada seja como antes), retomo a ideia nomadista e, porque não dizer de(s)marcatória primária. Opero a partir da apropriação deste formato, uma mobilidade simbólica, embasada na análise histórica já apresentada, sendo as *Marco-fadas* peças que adotam em si e agem formalmente na linguagem conceitual refletindo estas questões de cunho pós-colonial sobre este território.

As *Marco-fadas* já circularam mais de dez espaços expositivos, dentre locais públicos e privados, levadas para escolas, universidades e espaços expositivos (Imagem 3). Ao longo das jornadas de deslocamentos, retorno ao exercício proposto pelo verbete *deslocar*, com duas letras 'c' que, conforme o *Verbolário da caminhografia urbana* (2024), significa:

[...] esculturas móveis, marcamentos, desmarcamentos, desamontoamentos, desenterramentos, desenmaranhamentos, fabulações, experimentações, conversações, diálogos, mensurações, transposições, lambe-lambes, cartas de tarô, instalações, bordados, sons, nós, alinhamentos, cartas, adesivos, carimbos, jogos. Sair por aí a esmo, por rotas, pontos de chegada e partida. Deslocar é traçar linhas que conectam diferentes coordenadas geográficas, sociais, políticas, culturais e poéticas. (Gonçalves *et al*, 2024, p. 128)



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 3. Marco-fadas na exposição *Em que onde, cartografias para partir do sul*, no Consulado Geral do Brasil em Rivera, Uruguai. 2023. Fotografia: Juliana Freitas. Fonte: Barbara Larruscahim.

A possibilidade lúdica-construtiva que subverte a rigidez nos marcos oficiais, especialmente o trabalho já tendo circulado por diversos espaços expositivos (Imagem 4), escolas e universidades, *deslocca* e conecta coordenadas geográficas por onde as *Marco-fadas* passam. Foi um projeto contemplado no primeiro edital dirigido especificamente à produção de Artes Visuais, o edital nº 13/2021 pelo Fundo de Apoio a Cultura – o FAC Visual, que possibilitou não somente o feitio das dez marco-fadas, bem como a circulação do trabalho. Nesse sentido, destaco duas das principais exposições: *Em que onde: cartografias para partir do sul* (2023), realizada no Consulado Geral do Brasil em Rivera; e também no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), na galeria Augusto Meyer (Imagem 5), no 3º andar da Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre, em 2024.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

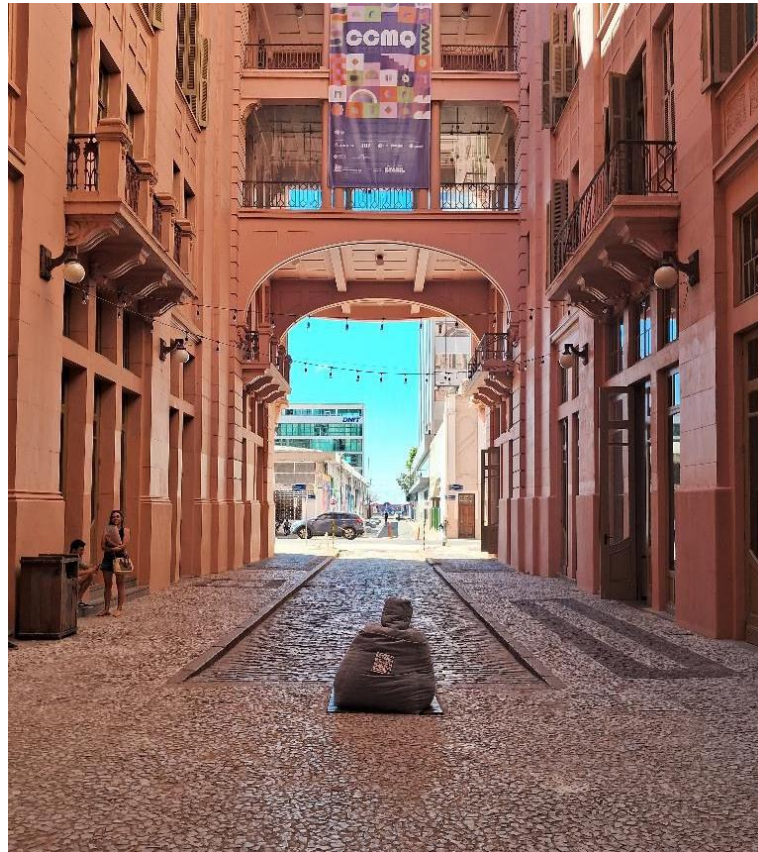
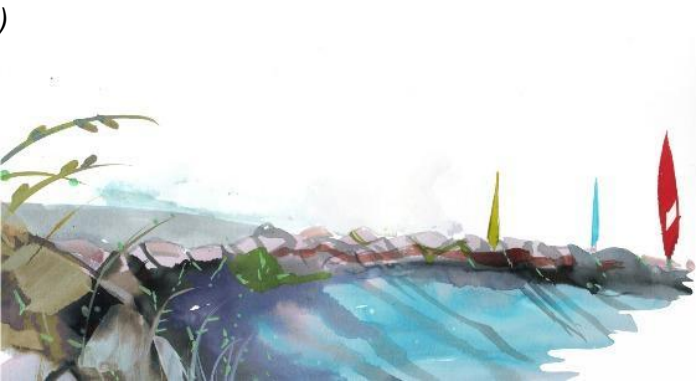


Imagem 4. Uma *Marco-fadas* (2023) desloccando-se pela Casa de Cultura Mario Quintana, 2024.
Fotografia: Equipe do educativo no MACRS. Fonte: Barbara Larruscahim.



Imagem 5. *Marco-fadas* (2023) na exposição *Em que onde, cartografias para partir do sul*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), na Galeria Augusto Meyer, na Casa de



Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre. Fotografia: Barbara Larruscahim. Fonte: Barbara Larruscahim.

No mesmo sentido de proposta artística baseada no deslocamento, tenho como referência artística o trabalho *Tiwintza mon amour* (2005), de Manuela Ribadeneira. Nele, a artista equatoriana elabora, a partir dos conflitos na fronteira entre o Peru e o Equador, uma escultura em escala de 1:1000 que representa um quilômetro quadrado de selva dentro do território peruano (Imagem 6). A obra se assemelha a uma maquete posta sobre rodas e apresenta uma porção de território que foi outorgado ao Equador em um acordo de pacificação de um conflito que durou cerca de dois séculos. Os combates foram advindos do processo de independência da Coroa Espanhola, que teve fim a partir da assinatura do Tratado do Rio de Janeiro. A obra foi apresentada na 8ª Bienal do Mercosul, que explorou a geopoética e práticas sob o tema fronteiroço.



Imagem 6. Manuela Ribadeneira, *Tiwintza mon amour*, 2005. Escultura movente. Fotografia: Barbara Larruscahim. Fonte: Caderno Geopoética, Catálogo da 8ª Bienal do Mercosul, 2011.

Me aproximo, neste sentido, de Ribadeneira ao enunciar o *deslocar* em um ícone que traça imaginariamente o delimitado de uma fronteira, assim como cada uma das *Marco-fadas* traça esta linha pelos lugares por onde passa. Ainda que deslocar um pedaço de território, como no caso de Ribadeneira, seja diferente da proposta demarcatória das *Marco-fadas*, ambos trabalhos promovem uma estética movente dos jogos de poder das marcações, das arbitrariedades e historicidades das demarcações territoriais. Construindo-se, no caso dos marcos, enquanto unidades geográficas moventes, os trabalhos dão conta de materializar os cruzamentos



decisórios e políticos que agiram diretamente sobre os processos de demarcação na fronteira Livramento – Rivera.

Construo meus processos artísticos, e a mim mesma, por meio da reflexão sobre tal papel movente e passageiro. A lógica da movência da produção das *Marco-fadas* é um fazer de territorialização e desterritorialização, objetiva e subjetiva, é a possibilidade de imaginar o mundo sem uma disputa territorial por meio de guerras. Foi ao construir estas unidades geográficas moventes que me dei conta que, ao materializar os cruzamentos decisórios e políticos dos processos de demarcação, pude vislumbrar a reflexão sobre o papel que tais processos desempenham na construção de identidades, especialmente daqueles que vivem perto das fronteiras.

Referências

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Portaria nº 125, de 21 de março de 2014. Diário das Leis, 2014. Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelink.php?numlink=226680>. Acesso em: 8 jun. 2025.

GARCIA, F. C. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GONÇALVES, Eduarda A. *et al. Deslocar*. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos (org.). *Verbolário da caminhografia urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024. p. 127-218.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. *et al. O retorno do território. Território : globalização e fragmentação*. Tradução . São Paulo: HUCITEC/ Annablume, 2002. Acesso em: 23 jul. 2023.

Notas

¹ Doutoranda em Artes no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Pelotas, bolsista CAPES, mestranda em Artes Visuais pela mesma instituição. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER. Artista visual e produtora cultural, membro do Grupo de *pesquisa Deslocamentos, Observações e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC* (UFPel/CNPQ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4375817269121969> . OrCID: <https://orcid.org/0000-0001-5374-9638>



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

² Artista e Profa. Dra. nos cursos de Bacharelado em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGArtes do Centro de Artes da UFPel. Líder do Grupo de Pesquisa *Deslocamentos, Observações e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC* (UFPel/CNPQ), e pesquisadora do Projeto *Caminhografia Urbanas nos Confins da América do Sul*, sob coordenação do Prof. Dr. Eduardo Rocha (PROGRAD /UFPel). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1361842274966089>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0009-7224-9191>.